



Biblioteca Feminista Mônica de Menezes Campos

Acervo de Bibliografia Feminista
de Relações Internacionais





GONZÁLES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. *In*: RIOS, Flávia; Márcia LIMA (Org.). **Lélia González: por um feminismo afrolatinoamericano** – ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A, 2020. p. 126-136.

Beatriz Moreira de Oliveira

Credenciais da autora

Lélia González, proeminente pensadora e militante negra brasileira, nasceu na cidade de Belo Horizonte, em 1935. Suas pesquisas, produções e ativismo foram indispensáveis para a consolidação do movimento negro e feminista no século XX, especialmente no marco da Ditadura Civil-Militar. Ressaltam-se sua ampla participação em eventos nacionais internacionais sobre o tema da mulher e negritude, bem como sua contribuição direta na formação de partidos e organizações políticas.

Enquanto intelectual de expressiva erudição, dedicou-se a construir formação multidisciplinar: possuía graduação em História, Geografia e Filosofia, pós-graduação em Antropologia, além de aprofundar-se em estudos na Psicanálise. Outra característica de sua produção trata-se da diversidade, em termos geográficos e culturais, de suas referências. Da Europa, Gonzales alicerça-se no marxismo, no feminismo e na psicanálise; da África, são contemplados o anticolonialismo e suas lutas; por fim, da América Latina e do Caribe, é trazido o pensamento anticolonial, panafricanista e também feminista. A partir disso, Lélia pôde construir um pensamento fundamentalmente interseccional.

O ensaio a ser analisado por este fichamento, bem como as informações para essa breve biografia, são excertos do livro “Lélia González: por um feminismo afrolatinoamericano – ensaios, intervenções e diálogos”, sob organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Trata-se de uma compilação inédita de escritos e entrevistas que contempla quase em totalidade a produção da autora. Leitura indispensável!

Resumo e informações principais do texto

“*Por um feminismo afro-latino-americano*” corresponde a um dos mais relevantes artigos de Lélia Gonzáles, escrito em 1988 - cem anos após a Abolição da Escravatura. Em três seções, a pensadora desenvolve crítica contundente ao racismo permeado no movimento feminista da América Latina, além de celebrar momentos de solidariedade internacional entre mulheres de distintos grupos étnicos.

1. Feminismo e racismo

- Ainda que o feminismo tenha conquistado avanços sem precedentes em se tratando da denúncia das estruturas de opressão contra as mulheres, é apontada a omissão do movimento sobre os temas raciais.
- Articula-se os conceitos lacanianos de (i) *infans* e (ii) *sujeito suposto saber*.
- Em decorrência da perpetuação de ideais eurocêntricos e neocoloniais no movimento feminista, é dito que as mulheres de cor são infantilizadas [(i)] por serem tratadas em terceira pessoa e, por consequência, são invisibilizadas.
- Trata-se também da internalização psicológica [(ii)] das estruturas diferenciadoras entre colonizado e colonizador. Aqui, duas referências importantes são trazidas: Franz Fanon e Albert Memmi.
- Ao omitir as pautas raciais, Lélia defende que o feminismo latinoamericano se enfraquece, dilui-se num “racionalismo universal abstrato”.

2. A questão racial na América Latina

- Retomada histórica: portugueses e a construção de uma sociedade hierarquizada, que legitimava a discriminação contra os mouros. A América Latina herda tal estrutura.
- Assim, a segregação se apresenta refinada e sutil, sustentada também a partir da ideologia do branqueamento.
- O silêncio existente sobre as questões de ordem racial igualmente aponta para outro mito: a democracia racial. Na academia brasileira, essa reticência será rompida a partir da anistia, pós-Ditadura.
- O caso da Nicarágua é citado como referência na ação política de combate à discriminação racial.
- Reforça-se, por fim, a tripla opressão sofrida pelas mulheres: racial, de gênero e classe.

3. Por um feminismo afro-latino-americano

- Dentre os três eixos do movimento (segundo Virgínia Vargas) - popular, político-partidário e feminista - as mulheres ameríndias e amefricanas se encontram principalmente no primeiro.
- Devido aos contingentes socioeconômicos impostos particularmente a essas mulheres, elas encontram espaço e protagonismo nos movimentos sociais étnicos em detrimento ao feminista.
- A consciência da opressão racial leva à consciência da opressão de gênero, mas nem sempre as amefricanas e ameríndias se encontram atendidas no movimento feminista. Pelo contrário, são muitas vezes invisibilizadas e silenciadas.
- Há, entretanto, progresso: Taller de Mujeres de las Américas e Dawn/Mudar são redes de ativismo internacional, as quais possibilitaram a discussão ampla desses temas tão caros, na década de 1980.

Comentários

Em primeiro momento, considero válido destacar que *“Por um feminismo afro-latino-americano”* trata-se de um texto escrito, em boa medida, a partir das próprias experiências de Lélia Gonzáles, na busca de sua identidade enquanto mulher negra e latinoamericana. Mesmo ao falar sobre realidades comuns às mulheres amefricanas e ameríndias, é perceptível a pessoalidade da produção, reforçada especialmente na última seção. Creio que isso permita certa proximidade entre leitoras e a escritora, traço que me agradou muito ao longo da leitura.

Outro ponto digno de atenção é o uso do conceito de amefricanidade - cunhado por ela própria em artigo anterior (*“A categoria político-cultural de amefricanidade”*). Nesse texto, Gonzáles constrói a ideia de uma identidade comum, ainda que multifacetada, que une a todos os povos da *América Ladina*. Deixo essa recomendação, no intuito de estimular a leitura àquelas que se interessarem pela temática.

QUEM ESCREVEU?



Beatriz Moreira

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Pará. É pesquisadora do Núcleo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados (NAIRE-UEPA) e possui atuação em paradiplomacia na cidade de Belém do Pará. Foi pesquisadora do NEFRI e do Grupo de Estudos Pós-Coloniais (GEPOC-UEPA), bem como presidente do Centro Acadêmico de Relações Internacionais Baena Soares (2019-2021).

